

LISBOA NEGRA

Afrontosas

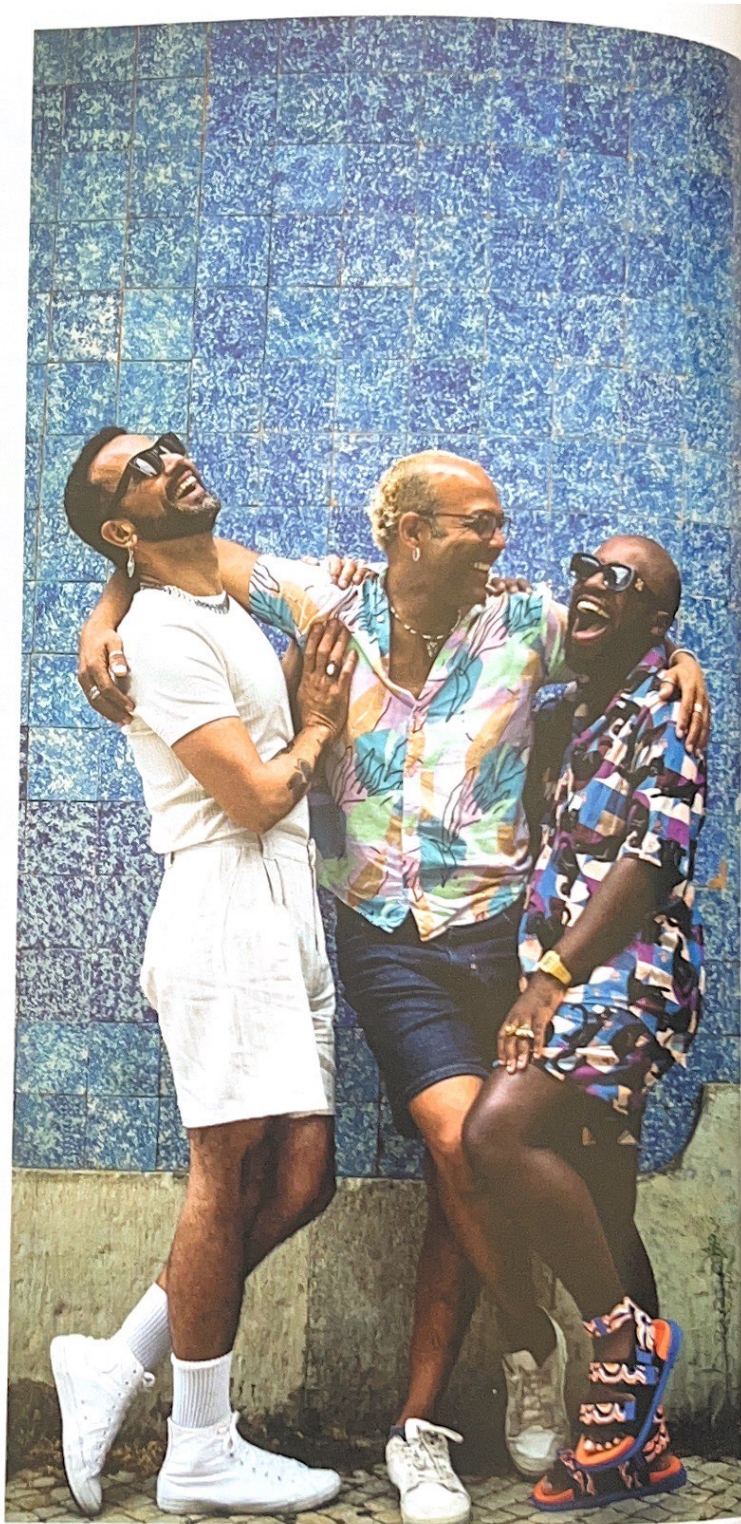
@afro__ntosas

NO DICIONÁRIO, festa é sinónimo de “reunião em que há regozijo”, “dia de comemoração” ou “bom acolhimento”. Já para o recém-formado colectivo Afrontosas, encabeçado por antonyo amolou, Didi e Rod, festa é também significado de luta, de activismo, de espaço seguro e de transformação social. O dicionário, aliás, não chega para reproduzir o que fazem e, sobretudo, o que sentem. As palavras transformam-se mais rápido do que a sociedade à sua volta. São Afrontosas porque querem afrontar, mas também representar a negritude cuír. Cuír, não queer. Eis mais uma palavra a expor a pequenez do dicionário. “Surge da ideia de tornar isso muito peculiar”, diz Rod, explicando que cuír tem sido usado no Brasil, de onde vêm, como “forma de estabelecer uma posição no mundo sobre a resistência decolonial de pessoas LGBTQ+”. “Usando a nossa diáspora, usando a ideia de ser imigrante, transformamos o estrangeirismo numa coisa própria. Cuír é uma posição no mundo que eu reclamo para mim.”

Posição essa que o colectivo estabelece e que, aos poucos, ganha destaque. “Em 2019, quando participava da Djass – Associação de Afrodescendentes, sentia muita falta, dentro da associação, de trabalhar temas ligados à questão LGBT com recorte racial. A gente tem essa peculiaridade não só de ser pessoa racializada, mas ser também LGBT. Ainda é um pouco tabu”, contextualiza. “Perguntei se podia criar um evento só para pessoas cuír, negras e racializadas, para a gente poder falar dos temas, mas também para a gente se conhecer.”

Quatro anos depois, o colectivo formou-se também como associação cultural e teve a sua festa de lançamento no Espaço Alcantara. Em Junho, estiveram nas Damas, onde voltarão em Agosto. Um espaço livre de preconceitos e julgamentos, mas também um acto de afirmação e resistência. “Celebramos quem somos, sem ter muito o cuidado de não ferir o outro para não ser violentado outra vez”, aponta Rod. Didi lembra as festas Batekoo, no Brasil, e a sua “influência forte no cenário artístico e cultural brasileiro”. “É um caminho que veio como festa e que virou plataforma de resistência.”

Não é diferente aqui. “A celebração é só uma das nossas linhas, trabalhamos na arte e pesquisa, no acolhimento e ancestralidade e na consultoria e ensino”. antonyo resume: “Acabámos de nascer, mas se tivesse de apontar uma transformação, ela está no que as Afrontosas têm despertado.” ■ *Cláudia Lima Carvalho*



Criolense Kitchen Club



“É um contexto que atravessa a gente, não só por serem brasileiros, mas por serem todos cuír e estão aí na batalha, trabalham num campo muito afectivo, é uma culinária afectiva, muita boa.” → Rua Damasceno Monteiro, 12 (Anjos). 92 770 7377. Ter-Sáb 18.00-22.00



Fidju-Fema

“Acontece uma vez por mês na Casa Independente e envolve especialmente artistas negres, dissidentes, da diáspora. Praticamente 80% [da receita] vai para um fundo de assistência a vítimas de violência policial. A cozinheira é a Cláudia Simões, que sofreu nas mãos do Estado português. É um evento maravilhoso.”